

Cadernos Macambira
V. 5, Nº 2, 2020. Página 267 de 448. ISSN 2525-6580
Anais do I Congresso Internacional Online de Educação Profissional, Territórios e Resistências - I CIEPTER – 21 a 30 de setembro de 2020.
Serrinha, BA, Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial – LaPPRuDes
http://revista.lapprudes.net/

Grupo de Diálogo 05: Contribuições do Pensamento de Paulo Freire à Educação Profissional.

Um fazer diferente: dialogicidade a partir de uma prática educativa numa comunidade rural de Xique-Xique/Bahia

Gleice de Oliveira Miranda, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF BAIANO) *campus* Xique-Xique/BA. gleice.miranda@ifbaiano.edu.br;
Davi Silva da Costa, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF BAIANO) *campus* Catu/BA. davi.costa@ifbaiano.edu.br.

> A ideia de uma ciência neutra é uma ficção, e uma ficção interessada, que permite fazer passar por científico uma forma neutralizada e eufêmica, particularmente eficaz simbolicamente porque particularmente *irreconhecível*, da representação dominante do mundo social. (BOURDIEU, 1976, p.27, grifo do autor).

Palavras-chave: Pensamento de Paulo Freire, Educação Profissional, Educação.

INTRODUÇÃO

Durante o processo de leitura para elaboração desse relato nos deparamos com o parágrafo exposto anteriormente e consideramos pertinente colocá-lo como um chamado inicial para o diálogo que será estabelecido aqui. Isso porque a nossa atual conjuntura política coaduna de forma escancarada com a lógica dominante do capital e, nesse sentido, ceifa o papel desempenhado pela ciência numa perspectiva de construção de numa sociedade crítica e emancipadora. Destacamos ainda que nos inúmeros espaços onde a ciência se constrói, incluindo os ambientes escolares, o que se observa de forma latente é a produção de um conhecimento hegemônico, balizado numa ciência unívoca e que, como destaca Saquet (2019), tende a escamotear e subalternizar outras construções científicas.

Enquanto pesquisadores e servidores de um Instituto Federal, consideramos importante trazer a reflexão sobre que ciência tem sido produzida nesses espaços. Atende a que interesses? A

quem? Em que medida a concepção de ciência adotada nos Institutos Federais (IFs) repercute em práticas educativas libertadoras?

Para aclarar um pouco mais sobre o papel dos IFs, destaca-se como uma de suas finalidades a promoção do desenvolvimento a nível local e regional. A atuação em prol desses desenvolvimentos possibilita a sedimentação do sentimento de pertencimento territorial, o que favorece ao processo de subversão da submissão das identidades locais a uma lógica global (PACHECO, 2015). Esse destaque nos interessa porque se aproxima de uma finalidade voltada para a comunidade local. Mas para isso é necessário estabelecer um diálogo proximal e ativo entre os IFs e as diferentes realidades locais e regionais. Esse diálogo foi intencionalmente pretendido no [1]projeto de pesquisa intitulado "Proposta de jogo educativo no IF BAIANO *campus* Xique-Xique: desvelando práticas/percepções sobre educação alimentar e nutricional a partir dos saberes tradicionais", desenvolvido no Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (PROfEPT) do IF BAIANO *campus* Catu/BA, no qual os autores desse relato estão diretamente envolvidos com o desenvolvimento do projeto em questão.

O objeto da pesquisa esteve centrado nas Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC), entendidas como plantas que apresentam uma ou mais partes passíveis de serem utilizadas na alimentação humana, mas que não é comumente consumida pela população que desconhecem as propriedades alimentícias dessas plantas (KINUPP; LORENZI, 2014) e em torno desse objeto temos os sujeitos da pesquisa, representados por estudantes do curso subsequente em meio ambiente do IF Baiano *campus* Xique-Xique e agricultoras familiares de uma comunidade rural de Xique-Xique. Uma das intencionalidades apontadas nessa pesquisa está na apresentação de algumas pistas/caminhos/notas que favoreçam a produção de uma ciência popular emancipadora.

Sendo assim, o objetivo desse relato é apresentar possíveis contribuições de um fazer diferente na pesquisa, baseada na abordagem freiriana, para a formação de subjetividades críticas e libertadoras.

DESENVOLVIMENTO

Após a elucidação introdutória, partiremos agora para a descrição do percurso metodológico do projeto de pesquisa, pondo em evidência a etapa de visita a campo, na comunidade rural chamada Baixa do Mocó, em Xique-Xique/Bahia. Ressalta-se que a pesquisa também é composta por outras etapas que antecedem e que são posteriores a etapa de visita de campo, mas o foco a ser dado nesse relato a essa etapa em questão.

Antes de seguir com a descrição do percurso metodológico, é importante destacar que, enquanto pesquisadora envolvida nesse projeto, diversos desafios foram enfrentados na execução de cada etapa, mas um dos desafios que me acompanhou em todo o processo de desenvolvimento da pesquisa orbitou sobre a compreensão de um novo olhar para a pesquisa que apresenta enquanto propósito trabalhar “com os sujeitos” e não somente “sobre os sujeitos”. Essa nova dimensão interpretativa da realidade foi gradativamente sendo apresentada a mim pelo orientador e também autor desse relato. A construção de uma pesquisadora que refletisse sob os moldes de uma ciência popular foi então construída *pari passu* com o processo de desenvolvimento da pesquisa. E as experiências vividas contribuíram enormemente nessa formação.

Voltando ao enfoque da condução da etapa de visita a campo, utilizou-se enquanto cerne as premissas da ciência etnobotânica, definida por teóricos como um estudo da relação existente entre o homem e as plantas, com vistas a compreender como esse homem aproveita as plantas enquanto recurso (ROCHA, BOSCOLO e FERNANDES, 2015). A etnobotânica aproxima-se com a proposta de Freire (1983) quando aponta a necessidade em conhecer a visão de mundo do sujeito do campo, além de reconhecê-lo enquanto gerador de conhecimentos, reconhecimento esse central para a adoção de uma dialogicidade entre os conhecimentos acadêmicos e os saberes tradicionais, presentes nos estudantes e agricultoras familiares, respectivamente.

Os saberes tradicionais podem ser entendidos enquanto aqueles saberes obtidos através do contato do sujeito com a natureza, que permitem a apropriação da natureza desse sujeito de uma maneira holística (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015). Ainda de acordo com esses autores, cada indivíduo de um grupo social ou cultural detém uma parte ou uma totalidade do saber, compondo assim um corpo de conhecimentos a partir de uma memória diversificada daquele determinado povo.

Cadernos Macambira
V. 5, Nº 2, 2020. Página 270 de 448. ISSN 2525-6580
Anais do I Congresso Internacional Online de Educação Profissional, Territórios e Resistências - I CIEPTER – 21 a 30 de setembro de 2020.
Serrinha, BA, Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial – LaPPRuDes
http://revista.lapprudes.net/

Buscando a compreensão de uma parte ou totalidade do saber, optou-se pela adoção da técnica conhecida como bola de neve ou *snowball* para escolha das agricultoras participantes da pesquisa. A Bola de neve ou *snowball* consiste numa técnica de amostra não probabilística baseada numa cadeia de referência, onde um informante-chave, denominado semente, faz a indicação de um próximo informante e assim sucessivamente, até atingir o ponto de saturação, que na pesquisa em questão foi caracterizado pela repetição das PANC durante o levantamento etnobotânico. (VINUTO, 2014). Segue uma ilustração sobre a dinâmica do *snowball* dessa pesquisa, que contou com a participação de 04 agricultoras:

Figura 01 – Esquematização da técnica do *snowball* utilizada na pesquisa.



Fonte: Próprios autores (2020).

É importante destacar aqui que não houve intencionalidade quanto a uma participação exclusivamente feminina enquanto sujeitos do campo. Essa composição foi estabelecida pela própria dinâmica da técnica bola de neve. As indicações das informantes ocorreram ao final das visitas às propriedades rurais, que foram conduzidas sob a concepção da técnica intitulada “turnê guiada”.

A turnê guiada, proposta por Albuquerque, Lucena e Cunha (2010), pode ser melhor compreendida através da explicação do seguinte percurso: a agricultora era dotada de liberdade e

autonomia para nos conduzir pela sua propriedade da maneira que achasse mais apropriada, indicando os nomes das plantas e suas formas de consumo, mesmo se o consumo tivesse uma finalidade medicinal. Foram desenvolvidas fichas para registro das informações ditas pelas agricultoras, além do registro das características gerais da propriedade rural, das características etnobotânicas das plantas encontradas. Também foram realizados registros fotográficos de cada espécie como forma de auxiliar na identificação taxonômica após lançamento das informações em uma planilha desenvolvida pela equipe de pesquisa.

Ainda tivemos enquanto suporte para registro de informações as anotações nos diários de campo, feito pelos estudantes participantes, de modo a apreender diferentes pontos de vista de uma mesma realidade. Alguns enxertos foram extraídos dos cadernos dos estudantes e dispostos nesse relato, conforme discussões mais adiante.

A pesquisadora inseriu-se também nessa rede simbólica e dinâmica enquanto sujeito ativo da pesquisa, mas sempre considerando o protagonismo dos estudantes e das agricultoras nesse processo. Através de uma escuta sensível e de uma visão sistêmica, foi possível experienciar e avaliar o processo vivido pelos sujeitos.

A construção dessa prática em si já nos trouxe um importante aprendizado, mas a experiência vivida foi exponencialmente enriquecedora, não somente para a pesquisadora e orientador, como também para os estudantes e as agricultoras. Antes de adentrarmos nas observações dessa prática, trazemos esse conceito de experiência que diz: “É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (BONDÍA, 2002, p. 25-26). Essa apresentação sobre o que é experiência diz muito sobre a prática realizada. Mas vamos então aos pontos principais que nos levam a construção de subjetividades críticas e de uma ciência popular:

- O diálogo de saberes: A etnobotânica enquanto centro da nossa etapa em campo trouxe à tona um importante protagonismo dos sujeitos envolvidos, o que em outras práticas educativas o pesquisador é tido como a autoridade científica. Nesse espaço, o protagonismo foi compartilhado entre as agricultoras, detentoras dos saberes tradicionais, e os estudantes que traziam como bagagem o conhecimento científico oriundo do ambiente acadêmico. Estabeleceu-se aqui uma

Cadernos Macambira
V. 5, Nº 2, 2020. Página 272 de 448. ISSN 2525-6580
Anais do I Congresso Internacional Online de Educação Profissional, Territórios e Resistências - I CIEPTER – 21 a 30 de setembro de 2020.
Serrinha, BA, Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial – LaPPRuDes
http://revista.lapprudes.net/

prática horizontalizada, que culminou numa marcante dialogicidade entre estudantes, pesquisadora e agricultoras. A imagem a seguir traz alguns elementos do que tem sido descrito aqui.

Figura 02 – Registro fotográfico da atividade de campo realizada na comunidade Baixa do Mocó, Xique-Xique/Bahia.



Fonte: Próprios autores (2019).

- A oralidade: A oralidade é um dos principais elementos presentes em práticas científicas contra hegemônicas. Segundo Santos (2019), a oralidade apresenta uma dimensão performática, permitindo uma experiência sinestésica em que os demais sentidos como a visão, tato e paladar podem ser aguçadas. Isso foi identificado em diversos momentos no decorrer das 04 visitas, quando, por exemplo, a agricultura apresentava as propriedades medicinais do mastruz (*Chenopodium ambrosioides*) e um dos estudantes relatou o uso da planta quando sofrera um acidente. O estudante tocava com a mão no local afetado e sua expressão facial ao lembrar-se da ingestão da bebida contendo a planta deixava em evidência as diferentes sensações sentidas naquele momento.

A oralidade permite ainda perpassar por diferentes temporalidades de experiências concretas, que pode possibilitar numa reflexão sobre a memória daquele sujeito envolvido (SANTOS, 2019). As narrativas trazidas também trouxeram a problematização sobre os conhecimentos que podem ser encontrados para além do ambiente acadêmico. Como destacado em um dos enxertos

do caderno de campo: *"Dona M. é uma pessoa maravilhosa que explica pra nós com calma e com isso voltamos sabendo de muitas coisas que não sabia (...)".*

Dentro de uma espacialidade territorial, podemos encontrar um conhecimento que é transmitido através da linguagem oral e essa oralidade é fundamental para a compreensão do saber local. Esses saberes tradicionais presentes nos sujeitos do campo tendem a ser invisibilizados, numa lógica da ciência ocidental, onde se apresenta a imagem de um agricultor capaz de executar as atividades manuais do campo e que é desprovida capacidade cognitiva para construção de conhecimento. Essa concepção colonizadora precisa ser confrontada e problematizada para fugirmos do ciclo alienante do capital.

- "Curiosidade epistêmica e atitude problematizadora:" Trazemos esse trecho entre aspas por ter sido extraído das colocações de Carrillo (2013), que apresenta algumas concepções encontradas na abordagem freiriana. A descrição do trecho apontado por esse autor quando diz "... deve existir capacidade de assombro, disposição, vontade de pensar a partir de uma perspectiva crítica (CARRILO, 2013, p.27)", aproximou-se de algumas atitudes observada entre os estudantes, ao longo das visitas às propriedades rurais. Os estudantes chegaram a questionar no início da atividade qual a real necessidade em realizar as visitas nas primeiras horas da manhã (as visitas foram agendadas aos sábados, por volta das 05h30minh, devido a uma melhor disponibilidade das agricultoras e ausência de atividades acadêmicas presenciais dos estudantes). No decorrer das práticas, eles fizeram uma reflexão sobre as condicionalidades ali imbricadas com o horário, como a menor incidência de raios solares que permitiam uma caminhada menos cansativa, dentre outros questões.

Em um dos registros no caderno de campo encontramos:

> Iniciamos fazendo as medidas climáticas, logo após fomos conhecer as PANC da caatinga do local onde vi diversos tipos de planta e obtive informações que eu não tinha conhecimento... gostei muito dessa visita pois os proprietários nos recebeu de forma extraordinária e isso deu um ânimo para o nosso trabalho.

Para finalizar as discussões nesse tópico, trazemos novamente Carrilo (2013, p.29) que nos diz que "a construção de um pensamento e de subjetividades alternativos só é possível a partir do diálogo entre pessoas...". Entendemos reforçamos aqui a importância de todos nós, enquanto

sujeitos envolvidos na pesquisa, termos nos aprofundado nessa experiência que apresenta caminhos promissores de uma práxis transformadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazendo agora o exercício de retorno ao objetivo proposto nesse relato, entendemos que algumas pistas foram apresentadas ao longo do texto e que elas podem ser refletidas, vivenciadas e experienciadas em outros espaços que dialoguem com diferentes sujeitos sociais com vistas à construção de uma educação emancipadora.

Enquanto sujeitos da experiência conforme Bondía (2002), podemos afirmar que nos formamos e nos transformarmos, assim como os estudantes e agricultores que estiveram envolvidos na prática. As atividades realizadas em campo foram permeadas de trocas, diálogos, comunicação e aprendizado mútuo, elementos esses presentes na abordagem freiriana.

A construção de uma ciência partindo da premissa a participação ativa e horizontalizada de estudantes e agricultoras enquanto sujeitos possibilita um alinhamento ideológico que permita confrontar o campo científico conservador que exerce uma lógica hegemônica dominante presente em muitos espaços escolares. Deixamos aqui o convite para que outros educadores se engajem nesse processo de construção de uma ciência contrahegômica e anticolonial.

Notas:

[1]O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), conforme parecer n° 3.672.702. O projeto também foi cadastrado no Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado (SISGEN), conforme cadastro n° A31704F.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P.; CUNHA, L.V.F.C. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P.; CUNHA, L.V.F.C. (Org.) **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife/PE: NUPPEA, 2010. p.39-64.

BONDÍA, J.L. Notas sobre experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, p.20-28, jan./abr., 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf. Acesso em: 13 set.2020.

BOURDIEU, P. Le champ scientifique. IN: ORTIZ, R. (Org.). **Bourdieu – Sociologia**. São Paulo: Ática, 183. p. 122-155. Disponível em: https://cienciatecnosociedade.files.wordpress.com/2015/05/o-campo-cientifico-pierre-bourdieu.pdf. Acesso em: 13 set.2020.

CARRILO, A.T. A educação popular como prática política e pedagógica. IN: STRECK, D.R.; ESTEBAN, M.T.E. (Org.). **Educação popular: lugar de construção social coletiva**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013. p.15-32.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação.** 8ª ed. Rio de Janeiro/RJ, Paz e Terra, 1983.

KINUPP, V.F.; LORENZI, H. **Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas.** São Paulo/SP: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2014.

PACHECO, E. **Fundamentos político-pedagógicos dos institutos federais: diretrizes para uma educação profissional e tecnológica transformadora**. Natal/RN: IFRN, 2015.

ROCHA, J.A.; BOSCOLO, O.H.; FERNANDES, L.R.R.M.V. Etnobotânica: um instrumento para valorização e identificação de potenciais de proteção do conhecimento tradicional. **Interações**, Campo Grande, v. 16, n. 1, p. 67-74, jan./jun. 2015.

SANTOS, B.S. Autoria, escrita e oralidade. In: SANTOS, B.S. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul.** Belo Horizonte/MG: Autêntica Editora, 2019. p. 87-102.

SAQUET, M.A. **Saber popular, práxis territorial e contra-hegemonia**. Rio de Janeiro/RJ: Consequência, 2019.

TOLEDO, V.M.; BARRERA-BASSOLS, N. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais.** São Paulo: Expressão Popular, 2015.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n.44, p.203-220, ago./dez. 2014.